

PEDRO MARIGHELLA

(1979, Salvador - BA)

tem como interesse frequente em seu trabalho o olhar sobre o potencial crítico da diversão e as imagens do entretenimento baiano. Entre suas principais participações e premiações estão as residências ARCO 08 (Madrid, Espanha) e Nam June Paik Award (Colônia, Alemanha), 2010, junto ao coletivo GIA; o prêmio da 10ª Bienal do Recôncavo, 2010, com residência na Accademia de Belle Arti di Brera, Milão. Desenvolveu o projeto comissionado Ensaio Pagodão para a 3ª Bienal da Bahia, em 2014. Participou da feira ArtRio, com individual na sessão Brasil Contemporâneo, 2018. Realizou mostras individuais e integrou coletivas, dentre elas a mostra A Nova Mão Afro Brasileira, Museu Afro Brasil, 2013; Axé Bahia no Museu Fowler (UCLA), 2018 e foi selecionado entre os artistas finalistas do 7º Prêmio Marcantonio Vilaça, 2019. Integra o acervo do MASP com projeto comissionado para a mostra Histórias da dança, em 2020. Atualmente é mestrando do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA/UFBA) e também desenvolve projetos de educação em artes visuais, design e música.



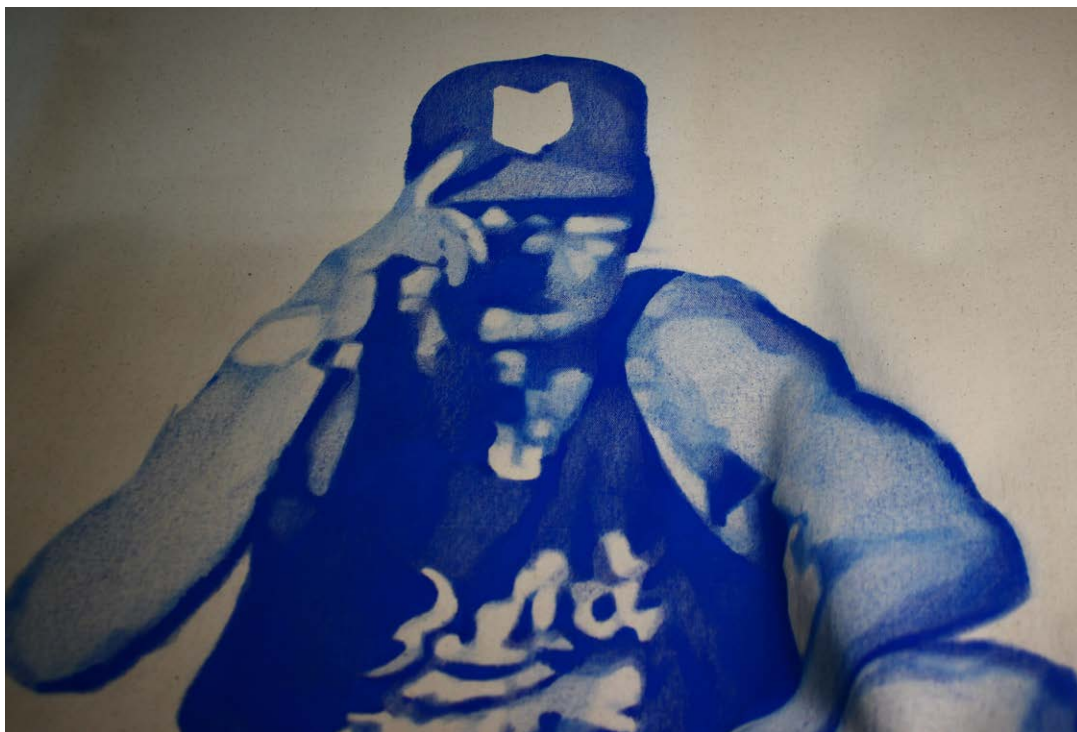


Sem título, da série
TEMPLO, 2017
Marcador de tinta acrílica
híbrida sobre painel de ma-
deira preparado com base
acrílica, 120 x 160 cm

Desenho feito a partir de
coreografia do grupo de
dança Ballet Vip
([@oficialballetvip](https://www.instagram.com/oficialballetvip))

Na página anterior,
detalhe da obra





Na página anterior,
tríptico sem título, da série
TEMPLO, 2019
Marcador de tinta acrílica
híbrida sobre lona de algo-
dão. 670 x 375 cm
(170 x 375 cm, cada)

Desenhos criados a partir
de imagens do Instagram
do grupo de dança Ballet
Puro Swing ([@bpsoficial](#))
para coreografia da música
“Senta Agora” da banda
Parangolé. Os modelos são:
J. Victor ([@jaianvictxr](#)),
Acácia ([@acaciaoliveira](#))
e Dan Barbosa ([@daan_ba-
arbosa](#)).

Ao lado, acima,
pormenor de uma das peças
do tríptico

Abaixo, montagem da obra
no contexto do 7º Prêmio
Marcantonio Vilaça, 2019

[Vídeo do desenho](#)

[Vídeo 02 do desenho](#)



ARQUITETURA ESPIRITUAL¹

Em diversas culturas, a ideia de “Templo” tem a ver com edificação erigida em reverência a uma ou mais divindades. No Viewing Room da Galeria RV dedicado à Pedro Marighella, esse significado se amplia: embora não levante paredes, o artista instaura a dramaturgia de um espaço em honra a deuses e deusas que estão vivos e, além disso, dançam.

Nascido em Salvador, Bahia, Pedro formou-se em Artes Plásticas e desenvolve projetos na área de criação em design, ilustração, música e cenografia. Envolveu-se no cenário de arte contemporânea no início dos anos 2000, seja por meio de suas pesquisas individuais, ou logo depois por sua atuação no grupo GIA (Grupo de Interferência Ambiental), entre os anos de 2003 e 2009. Em uma rápida busca, o seu nome é associado a desenhos em marcador azul, onde retrata o encontro denso das multidões em festas e outros eventos de rua.

No conjunto apresentado nesta sala, resultado de uma prática desenvolvida nos últimos três anos, destaca-se o tríptico produzido no contexto da 7ª edição do Prêmio Marcantônio Vilaça. Penduradas desde o teto, três lonas tremulam solenes e abrigam figuras humanas em suas bases. As faixas late-

rais são ocupadas por dois homens e o centro por uma mulher, cuja desenvoltura sugere dança.

Integrados a uma tendência global, o grupo Ballet Puro Swing filma e publica na web vídeos de coreografias desenvolvidas para músicas de pagode baiano. Em parceria com os dançarinos Jaian Victor, Adriano Barbosa e Acácia Oliveira, Pedro iniciou o processo no qual capturou frames de seus passos e, com o marcador, percorreu seus corpos projetados digitalmente sobre a superfície dos tecidos.

Desse modo, em primeira instância o trabalho de Marighella não parte do desenho, mas da fotografia. Desde o projeto Mata, ele utiliza a fotografia digital e a edição computadorizada como fonte para as suas composições gráficas. Segundo o historiador e crítico de arte Roberto Conduru, “usando alguns padrões abstratos e decorativos gerados por fotografias, ele retrata grupos brincando e às vezes em conflito para condensar graficamente a energia que a multidão pode produzir em eventos festivos e outras situações (tradução nossa)”².

No caso específico de Templo, a energia expressada em tela troca a intensidade das grandes aglomerações pela solitude quase monástica dos dançarinos, ressaltando gestos, olhares e movimentos no entorno vazio. Assim, para longe de qualquer registro antropológico presente no campo

das artes visuais, a dança associada ao pagode baiano é imaginada como atividade mística, onde os movimentos compõem aquilo que o artista chama de “arquitetura espiritual”. De acordo com essa ideia, as coreografias desorganizam e reorganizam no corpo as tramas da vida ordinária nas grandes metrópoles brasileiras, sobretudo Salvador.³

Voltando ao tríptico, se fitarmos com um pouco mais de atenção a figura do meio, notamos que a dançarina, diferente de seus dois parceiros, devolve o olhar para o público enquanto os indicadores estão em riste. A imagem não é um duplo daquelas que já circulam nas redes, tampouco faz da dança mais uma representação política ou social, mas intima a quem olha: e você, acredita nesses passos?

URIEL BEZERRA

1 Texto escrito no contexto do viewing room Templo, organizado pela RV Cultura e Arte, Salvador - Bahia, 2021.

2 CONDURU, Roberto. Confronting the World with Art, Beauty, and Axé. In.: POLK, Patrick A.; CONDURU, Roberto; GLEDHILL, Sabrina & JOHNSON, Randal (org.). Axé Bahia: The Power of Art in an Afro-Brazilian Metropolis. Fowler Museum. 2018, p.247.

3 Ver LEPECKI, André. Exhausting Dance: Performance and the Politics of Movement. London/New York: Routledge, 2006.



À esquerda,
sem título, da série
TEMPLO, 2021
Marcador de tinta acrílica
híbrida sobre lona de
algodão, 68x54cm

Desenho feito a partir de
coreografia do BALLET
PURO SWING no vídeo de
Caio De Jesus ([@caiodejesusmatos](https://www.instagram.com/caiodejesusmatos)), com os dançarinos, luuis ([@bln_souza](https://www.instagram.com/bln_souza)) e J. Victor ([@jaianvictxr](https://www.instagram.com/jaianvictxr))



À direita,
sem título, da série
TEMPLO, 2021
Marcador de tinta acrílica
híbrida sobre lona de
algodão, 68x54cm

Desenho feito a partir de
coreografia de Gislaine ([@giih_bismarck](https://www.instagram.com/giih_bismarck))





Sem título, da série
TEMPLO, 2021
Marcador de tinta acrílica
híbrida sobre lona de al-
gão, 120x160cm

Desenho feito a partir de
coreografia do BALLET
PURO SWING no vídeo de
Caio De Jesus ([@caiodeje-
susmatos](https://www.instagram.com/caiodejesusmatos)), com os dançari-
nos, luuis ([@bln_souza](https://www.instagram.com/bln_souza)) e
Samurai ([@jaianvictxr](https://www.instagram.com/jaianvictxr))

Na página anterior,
detalhe da obra



Sem título, da série
TEMPLO. 2017
Marcador sobre painel de
madeira preparado com
base acrílica. 160 x 120cm

Desenho feito a partir de
coreografia do grupo de
dança Ballet Vip
([@oficialballetvip](https://www.instagram.com/oficialballetvip))

Na página anterior,
detalhe da obra







Sem título, da série
TEMPLO, 2019
Marcador de tinta acrílica
híbrida sobre lona de algo-
dão, 160x120cm, 2017

Desenho feito a partir de
coreografia do grupo de
dança Ballet Vip
([@oficialballetvip](#)).
Modelo, Mario Siilva
([@m.netto98](#))

Na página anterior,
pormenor da obra



TEMPLO,
(livro de artista), 2017
Serigrafia sobre papel;
Disco LO-FI compacto com
o fonograma original, "Eu
sou a margem (Templo)".
60x60cm (aberto), 20x20cm
(fechado)
Ilustração da série Templo,
que figura o impresso, tem
como referência registro
de coreografia do grupo
de dança Oz Sem Limites
Mc'z OFC ([@OzSemLimitesMcz](https://www.instagram.com/OzSemLimitesMcz)).



[Ouça o fonograma que acompanha o livro](#)





Depoimento de Daniela Mercury e de Jorge Sampaio (diretor do Bloco Eva) sobre a apresentação da cantora no vão livre do MASP durante o projeto Som do Meio-Dia, em 1992

JORGE SAMPAIO

Tinha esse projeto, Som do Meio-Dia, para pegar os boys, os caras que trabalhavam ali pela Paulista, na hora do almoço. A prefeitura montou um palquinho no vão livre do MASP e se apresentavam alguns artistas ali. E aí, rapaz, nós fomos, né...

DANIELA MERCURY

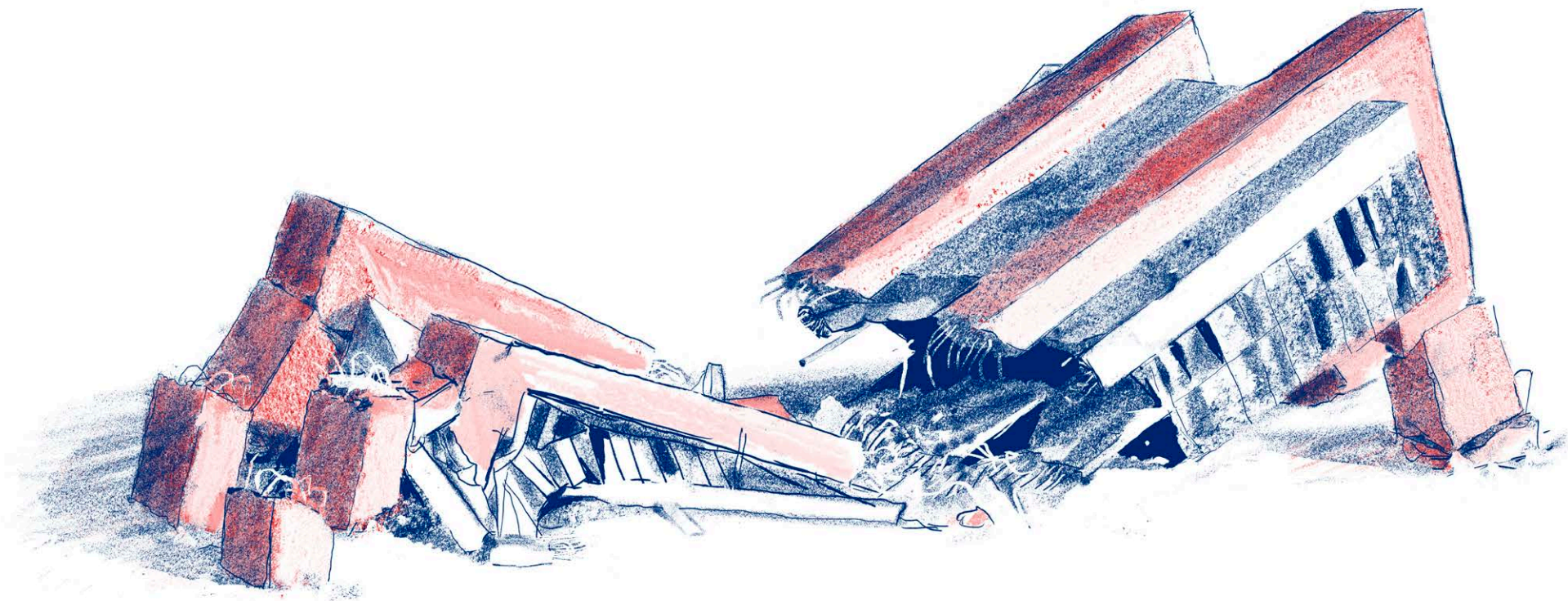
Pá! Comecei a cantar... Comecei a cantar, as pessoas cantavam comigo. E começou a juntar gente, juntar gente, juntar gente...

JS Era impressionante, rapaz. Os ônibus passam, largavam na Paulista, vrraaaaaaa... Ficou pequeno, meu amigo. Lotou aquilo ali. Um turbilhão de gente assim, descendo dos elevadores, dos prédios, tudo o que era lado chegando gente. Trancou a primeira via da Paulista...

DM Aí, quarenta minutos depois, a secretária de Cultura do Estado de São Paulo entra no palco e me pega pelo braço. Fui tentar levantar o braço, não consegui. Ela fez: “Você tem que parar o show”. Eu disse: “Por quê?”. “Você parou a Paulista, o MASP tá sacudindo, as obras tão sacudindo, a gente tá no maior vão livre da América Latina e o povo tá com medo disso cair.

JS Resumo da ópera, primeira página dos cinco maiores jornais de São Paulo.

Extraído do documentário *Axé – canto do povo de um lugar* (Chico Kertész, 2017)





Sem título, da série
MATA, 2020

Marcador sobre lona de algodão; Ilustração digital sobre papel; Fone de ouvido com reprodução em áudio de depoimento da cantora Daniela Mercury sobre a apresentação que levou cerca de 20 mil pessoas ao show no vão livre do MASP em 1992. Dimensões variáveis

Acima, esquema de montagem da obra

Nas páginas anteriores, detalhes diversos da obra

Em decorrência da COVID-19, a obra, doada ao MASP no contexto da exposição Histórias da Dança, ainda não foi registrada em sua montagem completa

RITMOS E SINCRONICIDADES*

“Quando acontece, a sensação beira o indescritível: você está na pista de dança, lado a lado com outros corpos, a batida da música vibra atravessando a todos, e a multidão começa a se mover com o uma só. Celebrado como um fenômeno eufórico que em algumas tradições espiritual, chega a se aproximar do divino, a sincronicidade entre hordas de pessoas dançantes, seja em uma rave, ou durante um ritual, é notável por misturar um conjunto de indivíduos em uma única massa coordenada. Contudo, essa simultaneidade de música e multidão pode ter efeitos imprevisíveis, como o show da superestrela baiana Daniela Mercury no vão do MASP, em 1992, quando a dança rítmica de seus frenéticos espectadores, que lotaram o espaço e transbordaram avenida Paulista afora, ameaçou a integridade estrutural do icônico prédio modernista de Lina Bo Bardi (1914-1992).

Esse incidente é invocado na obra do artista baiano Pedro Marighella, trabalho produzido para Histórias da dança. A pulsação daquelas mais de 20 mil pessoas é representada em um grande desenho baseado em uma fotografia histórica daquele encontro e interpretada pelo artista com o cuidadoso marcador azul que é a sua assinatura. Marighella, que assim como Mercury, é de Salvador, justapõe o público

alegre a uma imagem menor na qual imagina o que poderia ter acontecido naquele dia se o show não tivesse sido interrompido pela prefeitura de São Paulo: aqui o museu desmoronou no chão, seus pilares foram quebrados pelas vibrações geradas pela multidão pulando em uníssono ao som dos ritmos do axé. Que outros estragos podem ser causados quando dançamos juntos, sincopando nossas ações para formar uma unidade poderosa? Que força, prazer ou caos poderia resultar disso? (...)“

JULIA BRYAN-WILSON

* Trecho do texto
**RITMOS E
SINCRONICIDADES**, de
JULIA BRYAN-WILSON,
escrito no contexto do catálogo
da exposição HISTÓRIAS DA
DANÇA, MASP, 2020.





Sem título, da série
MATA, 2008
Câmera disfarçada de
lata de cerveja pra tirar
foto de gente no carnaval,
brincando e sem chamar
muita atenção. O objeto
serve eventualmente como
meio para tomar imagens de
refêrencia para desenhos da
série. 12 x 9 x 8cm

Na página anterior, sem
título, da série
MATA, 2013
Marcador e impressão
serigráfica sobre papel
couro preparado com base
acrílica. 20 x 25 cm



Ao lado, garotos da cidade de São Félix, Recôncavo Baiano, acompanham a abertura do painel da série **MATA**, 2010, vencedor da 10ª Bienal do Recôncavo, no Centro Cultural Dan-nemann. Marcador sobre painel de madeira preparado com base acrílica. 9 x 3m

O painel foi produzido a partir de imagens da Festa D'Ajuda, festa popular anual, de caráter carnavalesco, realizada dois dias antes na cidade vizinha, Cachoeira



Sem título, da série
MATA (díptico), 2017
Marcador sobre painel de
madeira preparado com
base acrílica. 2,2 x 2,2m



Sem título, da série
MATA (díptico), em mon-
tagem no pavilhão Brasil
Contemporâneo na ArtRio
18, 2018

Marcador sobre painel de
madeira preparado com
base acrílica. 2,2 x 2,2m

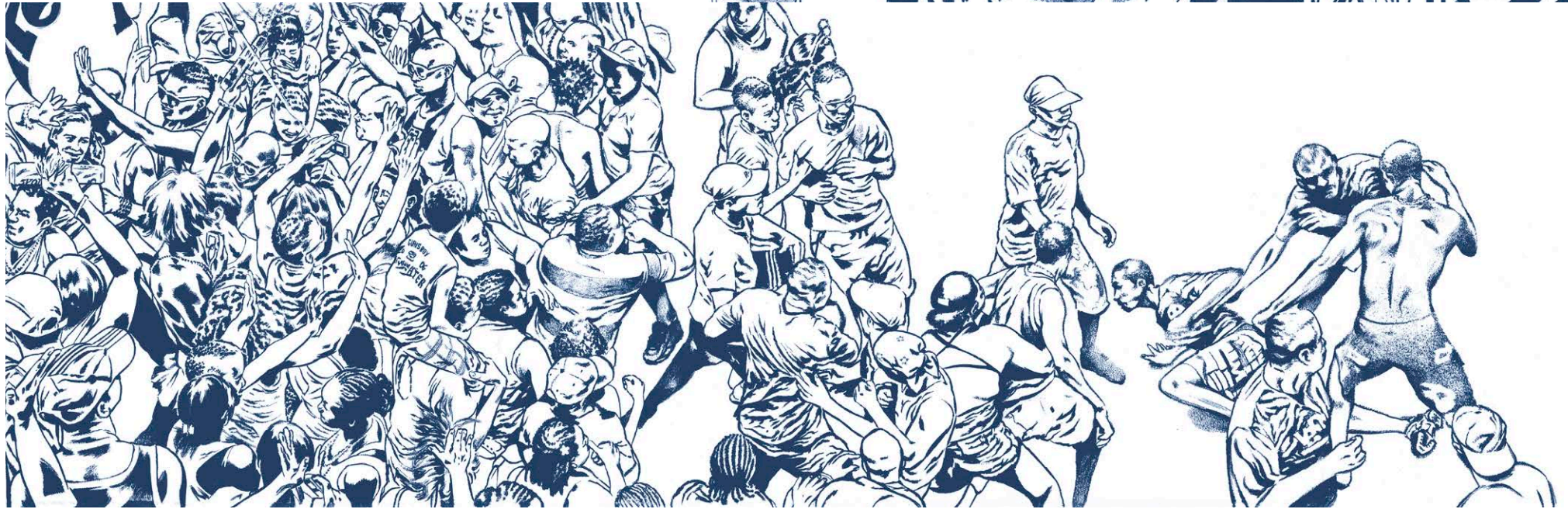
Pedro Marighella



MATA (publicação), 2013
Serigrafia sobre papel
pólen, 140 x 25 cm aberto
(miolo) e 14 x 25 cm
fechado.
Tiragem de 50 impressões.

[Veja a publicação](#)

Na página posterior,
sem título, da série
MATA, 2013
Marcador sobre papel
paraná preparado com base
acrílica. 120 x 30cm





Painel, da série
MATA, 2013
Marcador de tinta acrílica
híbrida sobre painel de ma-
deira preparado com base
acrílica 30 x 4m
Painel realizado no contexto
da mostra "A Nova Mão
Afro-Brasileira", área ex-
terna do Museu Afro Brasil,
Parque do Ibirapuera,
São Paulo - SP



Sem título, da série
PARLAMENTO, 2013
Marcador sobre fotografia
digital. 44 x 30cm
Imagem tomada dos foliões
do bloco As Muquiranas,
durante o carnaval de
Salvador - BA, 2013



**NEM É PAGODE,
NEM É MORTE**, 2013
Marcador de tinta acrílica
híbrida sobre parede; Mixer
de som artesanal acoplado a
dois tocadores de mp3 - em
um, trilha original "Saboro-
rosa"(2'55"), no outro, os
sons do jardim da minha
casa de manhãzinha (60")

Registro na mostra A Sala
do Diretor, no Museu de
Arte Moderna da Bahia.
Dimensões variáveis, 2013

[Vídeo do painel](#)



**GUELEDÉ
MUQUIRANA, 2013**
Resina, fibra de vidro, lã,
adereços diversos adquiri-
dos de acordo com o gosto
dos jovens da época.
30 x 30 x 60cm (as medidas
podem variar de acordo
com o adereço empregado à
escultura)

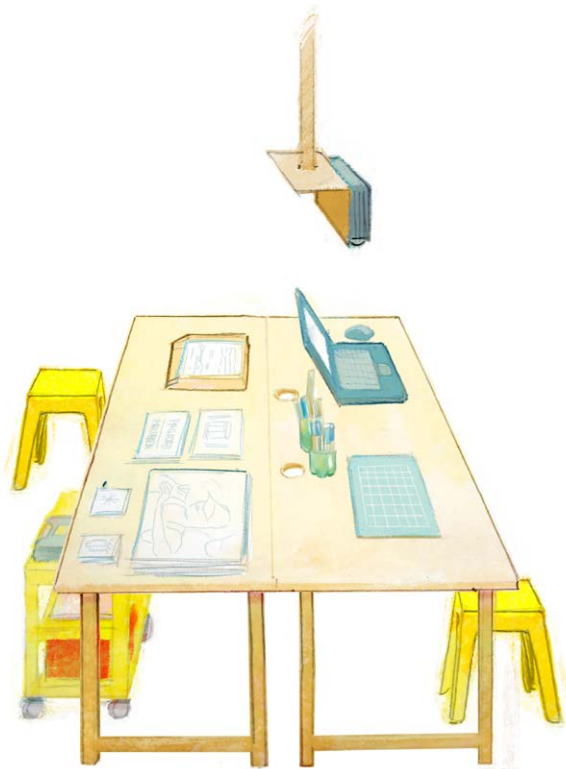
Na página seguinte,
**GUELEDÉ
CORDEIRO, 2016**
fotografia digital de perfor-
mance de Lucas Cordeiro
com o **GUELEDÉ MU-
QUIRANA, 50 x 90cm**



= cordeiro =

AMBULANTE
LICENCIADO

SCHIN



ENSAIO PAGODÃO, 2014

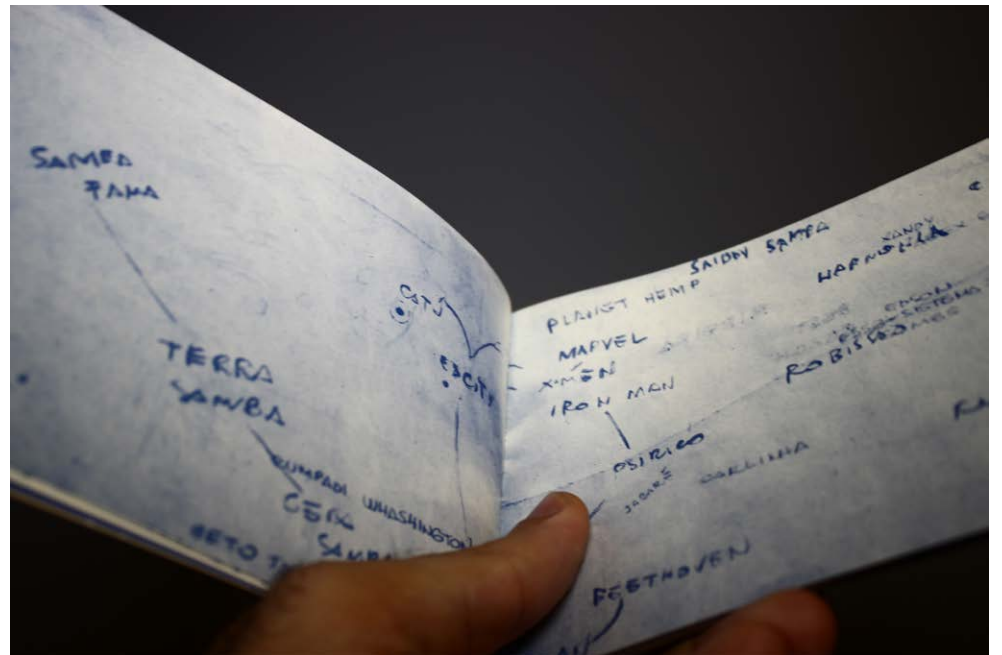
Uma versão compacta do atelier do artista foi deslocada para a Casa da Música - pequeno centro cultural no mítico bairro de Itapuã, em Salvador, Bahia - transformando o espaço em lugar de conversas, trabalho, pesquisa e invenção sobre a cena de pagode da Bahia, resultando numa publicação, compilação de ilustrações e imagens diversas derivadas desses encontros com artistas, produtores, pesquisadores e público. 2014

Projeto realizado no contexto da 3ª Bienal da Bahia. Dimensões indefinidas





[Para ver o livro](#)





CONTRA-ATAQUE, livro de artista, 2018

Desenhos diversos em marcador e lápis grafite sobre papel; Capa do disco de vinil “Tambores Urbanos” com projeto gráfico desenvolvido por Renato da Silveira e Nildão para o grupo musical baiano “Chiclete com Banana”; Páginas do Conto “II”, do livro “Ladeiras, Velas & Farrapos” de Tom Correia; Trechos do texto “Salvador Futurista” de Daniel Saboia, escrito para a revista Contorno do Museu de Arte Moderna da Bahia. 30x30cm

[Para ver o livro](#)

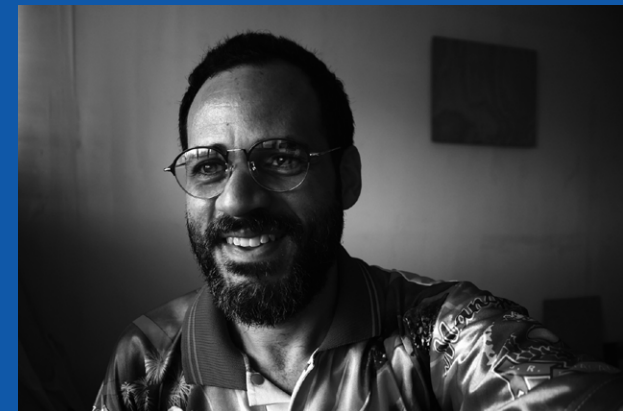


[Para ver o livro](#)



pedromarighella@gmail.com
+55 (71) 9 9348-0493
@pedromarighella

Representado pela galeria RV Cultura e Arte
www.rvculturaearte.com



PRÊMIO

2019 Finalista do 7º Prêmio Marcantonio Vilaça, São Paulo, SP
2010 Primeiro Prêmio 10ª Bienal do Recôncavo - São Félix, BA
2008 Finalista do Nam June Paik Award - junto ao coletivo GIA - Colônia, Alemanha

RESIDÊNCIAS

2012 Accademia di Belle Arti di Brera - Prêmio da 10ª Bienal do Recôncavo - Milão, Itália. Tutelado por Antonio d'Avossa
2008 ARCO 08 Fair's parallel exhibition - Intermediae - QG do GIA - junto ao coletivo GIA - Madri, Espanha

MOSTRAS INDIVIDUAIS

2021 Templo - RV Cultura e Arte - Salvador, BA. Curadoria de Larissa Martina e Ilan Iglesias
2018 Programa Brasil Contemporâneo, ArtRio 18 - Rio de Janeiro, RJ. Curadoria de Bernardo Mosqueira
2014 Ensaio Pagodão - 3ª Bienal da Bahia, Casa da Música de Itapuã, Salvador, BA. Curadoria de Marcelo Rezende
2013 Mata - RV Cultura e Arte, Salvador, BA
2010 Mata - Galeria ACBEU, Salvador, BA

MOSTRAS COLETIVAS

2020 Histórias da Dança - Museu de Arte de São Paulo, São Paulo, SP. Curadoria de Adriano Pedrosa, Julia Bryan-Wilson e Olivia Ardui
2019 Prêmio Marcantonio Vilaça, MAB-FAAP, São Paulo, SP. Curadoria de Marcos Lontra
2019 À Nordeste - SESC 24 de maio, São Paulo, SP. Curadoria de Clarissa Diniz, Bitu Cassundé e Marcelo Campos
2019 Saída de Emergência - Galeria Cañizares (UFBA) - Salvador, BA. Curadoria de Laura Benevides
2018 Incubadora de Publicações Gráficas - RV Cultura e Arte, Salvador, BA. Curadoria de Larissa Martina e Ilan Iglesias
2017 Axé Bahia - Fowler Museum (UCLA) - Los Angeles, EUA. Curadoria de Patrick Polk, Roberto Conduru, Sabrina Gledhill e Randhal Jonhson
2017 Side By Side - Galeria ACBEU - Salvador, BA. Curadoria de Alejandra Muñoz
2016 Orixás - Casa França-Brasil - Rio de Janeiro, RJ. Curadoria de Marcelo Campos
2016 Mural - Movimento Urbano Livre - Paineis na Av. Terminal da França - Comércio - Salvador, BA
2014 Esboço para uma coreografia - Galeria Central - São Paulo, SP. Curadoria de Olivia Ardui
2014 A Reencenação - 3ª Bienal da Bahia - Mosteiro de São Bento, Salvador, BA. Curadoria de Marcelo Rezende e Fernando Oliva
2014 G R V E - Projeto Curatorial - Programa Educativo - Feira SP-ARTE - São Paulo, SP. Curadoria de Roberto Traplev
2013 A Nova Mão Afro-Brasileira - Museu Afro Brasil - São Paulo, SP. Curadoria de Emanuel Araujo
2013 A Sala do Diretor - Reforma, Reinvenção: O Sentido Prático das Coisas - Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, BA. Curadoria de Marcelo Rezende
2013 Contra Escambos - Experiências Imaginativas nos Trópicos - Belo Horizonte, MG, Recife, PE. Curadoria de Leandro Nerefuh e Beto Shwafaty

2012 6764,257 km - Ó! Galeria - Porto, Portugal
2011 14A1 - RV Cultura e Arte - Salvador, BA
2010 10ª Bienal do Recôncavo - São Félix, BA, Brasil
2009 QG do GIA - Ocupação junto ao coletivo GIA - Pelourinho, Salvador, BA
2009 QG do GIA - Ocupação junto ao coletivo GIA - Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, BA
2008 Nam June Paik Award - Wallraf-Richartz Museum - QG do GIA - Colônia, Alemanha. Curadoria de Solange Farkas, Yukiko Shikata, Walid Raad, Miklos Peternek e Udo Kittelmann
2008 QG do GIA - junto ao coletivo GIA - ARCO 08 Fair's parallel exhibition - Intermediae - Madri, Espanha. Curadoria de Solange Farkas
2008 QG do GIA - junto ao coletivo GIA - Museu de Arte Moderna da Bahia - Salvador, BA
2007 Entrecentros - Galeria ICEIA - Salvador, BA, Curadoria de Ayron Heráclito
2006 Interurbanos - com o coletivo GIA - Fortaleza, CE.
2006 Fiat Mostra Brasil de Artes Visuais - com o coletivo GIA - Porão das Artes da Fundação Bienal - São Paulo, SP. Curadoria de Eduardo de Jesus, Giselle Beiguelman, Jared Domicio, Marcos Hill, Maria Ivone dos Santos Marisa Mkarzel e Stéphane Huchet.
2006 Multiplicidades - com o coletivo GIA - Vitória, ES
2006 EIA - Experiência Imersiva Ambiental - São Paulo, SP
2005 SPA das Artes - com o coletivo GIA - Recife, PE
2005 EIA - Experiência Imersiva Ambiental - São Paulo, SP
2004 VII Bienal do Recôncavo - Centro Cultural Dannemann - São Félix, BA
2003 X Salão da Bahia - Museu de Arte Moderna da Bahia - Salvador, BA
2000 Exposição Destaque das Oficinas do MAM - Museu de Arte Moderna da Bahia - Salvador, BA
1999 Exposição Destaque das Oficinas do MAM - Museu de Arte Moderna da Bahia - Salvador, BA

FEIRAS DE ARTE

2021 SP-Arte Viewing Room - São Paulo, SP
2021 ArtRio - Rio de Janeiro, RJ
2020 Drawing Room - Lisboa, Portugal
2018 ArtRio - Rio de Janeiro, RJ (solo)
2017 Feira Parte - São Paulo, SP
2017 ArtRio - Rio de Janeiro, RJ
2015 Feira Parte - São Paulo, SP
2013 Feira Parte - São Paulo, SP

PUBLICAÇÕES

2018 Templo - Incubadora de Publicações Gráficas
2014 Ensaio Pagodão - Volume 1 - 3ª Bienal da Bahia
2013 Mata - RV Cultura e Arte

COLEÇÕES PÚBLICAS

Museu de Arte de São Paulo (MASP) - São Paulo, SP
Centro Cultural Dannemann - São Félix, BA